

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO LABORATÓRIO PARA FORMAÇÃO DE NOVOS PROFESSORES DE MÚSICA

Char Velloso Pinheiro ¹
Adriana do Nascimento Araújo Mendes ²

RESUMO

A extensão universitária é um componente essencial na formação de professores, especialmente na área de música, ao proporcionar experiências práticas em contextos educativos reais. O projeto Oficina de Musicalização da Unicamp exemplifica esse potencial ao oferecer a licenciandos em Música um espaço contínuo de atuação pedagógica junto a crianças de 7 a 12 anos, desenvolvendo atividades musicais que articulam teoria e prática de forma criativa e contextualizada. Essa vivência permite que os futuros docentes experimentem, reflitam e elaborem estratégias de ensino, em diálogo constante com os saberes acadêmicos e as realidades culturais dos participantes. Nesse sentido, a extensão atua como um verdadeiro laboratório de formação docente, favorecendo o desenvolvimento de competências fundamentais previstas na Resolução CNE/CP nº 2/2019 e em consonância com os princípios da BNCC para o componente curricular de Arte. Este trabalho então se propõe a relatar a experiência vivida no primeiro semestre de 2025, com a montagem de uma apresentação que articulou as atividades realizadas em sala de aula com músicas de compositores nordestinos. Com encontros semanais de duas horas de duração, sendo uma hora dedicada à prática instrumental e uma hora de musicalização, neste semestre contamos com 15 matriculados, e todas as crianças já participaram em anos anteriores. Desta forma, foi possível desenvolver uma estrutura para cada encontro que contemplava acolhimento, aquecimento corporal, aquecimento vocal, brincos, brincadeiras e repertório dentro da temática previamente escolhida. As canções trabalhadas foram "Canoeiro" e "Suíte dos Pescadores" de Dorival Caymmi, "Anunciação" de Alceu Valença e "Mulher Rendeira", canção de autoria atribuída à Lampião e registrada por Zé do Norte. Como estratégia pedagógica, cada canção buscou desenvolver um aspecto possível dentro da experiência musical passando pelo canto coletivo com movimentação associada, pela execução em xilofone com acompanhamento de piano e em uma formação de banda de alunos e professores.

Palavras-chave: Extensão Universitária, Musicalização Infantil, Relato de Experiência.

INTRODUÇÃO

Este trabalho se dispõe a relatar a experiência na extensão universitária da Universidade Estadual de Campinas como professor de música no projeto *Oficina de*

¹ Graduando do Curso de Licenciatura e Bacharel em Música da Universidade Estadual de Campinas, c168780@dac.unicamp.br;

² Orientadora Prof^a Dr^a. da Universidade Estadual de Campinas, aamendes@unicamp.br.





Musicalização, realizado dentro do Instituto de Artes e com vínculo institucional com a Escola de Extensão da Unicamp (EXTECAMP). As oficinas são oferecidas à comunidade

externa à universidade de forma gratuita como um curso regular, registrado na sigla ART - 0221, com matrículas online e abertas semestralmente.

Este projeto existe desde 2009 e oferece uma vez por semana oficinas de musicalização para crianças de 07 a 12 anos. As atividades ocorrem às terças-feira das 18h às 20h, sendo das 18h às 19h aula de musicalização e das 19h às 20h uma prática instrumental. Além de ministrar as oficinas, os professores/monitores do projeto se encontram, de maneira híbrida, uma vez por semana por duas horas para reunião, discussão e planejamento das atividades a serem realizadas com as crianças.

Com coordenação da Prof^a Dr^a. Adriana Mendes, este espaço tem se tornado de extrema relevância para a formação acadêmica e profissional de muitos estudantes do curso de licenciatura em música pois, por vezes, é aqui o primeiro contato do aluno de graduação com situações educacionais reais. Ainda que com foco principal para quem está matriculado no curso de licenciatura, a participação não é exclusiva desses estudantes, podendo participar também alunos dos cursos de graduação e pós-graduação de qualquer instituto ou faculdade da Unicamp.

As oficinas são planejadas coletivamente e de forma voluntária entre os discentes que estão construindo o projeto de extensão, podendo ter alterações a cada semestre. Por esse motivo, a cada nova turma são repensados os conteúdos e músicas a serem trabalhados para que se contemple a diversidade de conhecimentos presentes no corpo de professores/monitores. Assim, segue-se diretrizes norteadoras de como conduzir as oficinas, mas não existe nenhuma regra ou modelo fixo de aula.

Para este relato foi selecionado um recorte temporal que contempla de 25 de março a 10 de junho de 2025. Neste período foram ministradas ao todo onze oficinas, com quinze crianças matriculadas, sendo que todas elas já haviam participado do projeto em semestres anteriores. Em decorrência da quantidade de professores/monitores inscritos para conduzir as aulas foi decidido coletivamente que as quinze crianças seriam divididas em duas turmas: A e B. Cada turma foi formada de maneira aleatória, não havia critérios para a escolha da onde ia cada criança.





Assim, as turmas de musicalização contaram com quatro professores/monitores em cada uma. No que diz respeito à prática instrumental, foram oferecidos: flauta doce, ukulele, violão e piano. Para este artigo, irei me debruçar sobre as aulas de musicalização da turma que

continha sete crianças por não haver participado da prática instrumental, por isso não irei me aprofundar nas discussões possíveis sobre ensino coletivo de instrumentos.

Com esta escrita espera-se refletir sobre como se deu o processo de planejamento, discussão e aplicação das aulas; avaliar os resultados atingidos com a apresentação-espetáculo e firmar a importância de projetos de extensão voltados para atender as demandas específicas dos estudantes de licenciatura em música que, por vezes, contam exclusivamente com as experiências do campo de estágio. A extensão universitária então se torna um laboratório, onde a formação de novos professores de música é potencializada pela vivência prática com situações educacionais reais, favorecendo o desenvolvimento de competências fundamentais previstas na Resolução CNE/CP nº 2/2019 e em consonância com os princípios da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o componente curricular de Arte.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a escrita deste artigo, por se tratar de um Relato de Experiência, foi principalmente a descritiva, proveniente de uma “pesquisa-ação” (Gil, 2008).

Para isso foram consultados os registros dos Planos de Aula elaborados em conjunto com toda a equipe do Projeto de Extensão da Unicamp Oficina de Musicalização. Além desse material, foram consultados também os escritos produzidos com a técnica do Diário de Campo (Teixeira; Pacífico; Barros, 2023) que contém a sistematização das atividades desenvolvidas e uma breve reflexão feita logo após o término de cada aula sobre os ocorridos daquele dia.

REFERENCIAL TEÓRICO

Os parâmetros da BNCC e a Resolução CNE/CP nº 2/2019 que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica foram os principais norteadores para a escrita deste Relato de Experiência. Os trabalhos de Aline





Correia (2022) e Cassiano Santos (2020) foram amplamente consultados não apenas para a escrita, mas ao longo de toda experiência vivenciada no período relatado aqui.

A musicalização na Educação, conforme orienta a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é parte essencial do desenvolvimento integral da criança, promovendo a sensibilidade, a criatividade, a expressão e a socialização. Inserida no campo de experiência “Corpo, gestos e movimentos” e, principalmente, em “Traços, sons, cores e formas”, a música é reconhecida como linguagem fundamental no processo de aprendizagem das crianças de 0 a 5 anos. A BNCC compreende a música não apenas como conteúdo, mas como prática cultural e linguagem artística que contribui significativamente para o desenvolvimento cognitivo, afetivo, motor e social. Por meio de experiências musicais como cantar, escutar, dançar, criar sons e explorar instrumentos, a criança amplia sua percepção auditiva, seu repertório cultural e suas formas de expressão.

“O modo como as crianças percebem, apreendem e se relacionam com os sons, no tempo-espço, revela o modo como percebem, apreendem e se relacionam com o mundo que vêm explorando e descobrindo a cada dia.” (Brito, 2003). A educadora musical Teca Alencar de Brito defende que o contato direto com a sala de aula direciona o estudante da licenciatura em música para que ele afine não apenas seus estudos musicais mas também o sensibilize para o manejo e compreensão dessa etapa do desenvolvimento do ser humano, abrindo em si um canal de expressão consciente sobre os conteúdos musicais que se deseja apresentar para as crianças e quais as formas de se fazer isso.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diferentemente dos semestres anteriores em que eu havia participado, a proposta da estudante de mestrado que orientou e acompanhou o trabalho desenvolvido pelos discentes da graduação era que no final, como resultado do processo criativo das oficinas, fosse montada uma apresentação-espetáculo aberta ao público. Com esse objetivo final em mente, a dinâmica de planejamento e execução das oficinas sofreu alterações que impactaram a maneira como os professores/monitores se portavam diante das atividades da extensão. Para tentar sanar todas as demandas existentes para que uma apresentação-espetáculo ocorra, nos



dividimos em duas comissões: uma era responsável pela escrita do roteiro e outra ficou a cargo da direção criativa.

Após as primeiras reuniões, foi decidido que o tema do semestre seria música e cultura nordestina. O repertório escolhido foi "Canoeiro" e "Suíte dos Pescadores" de Dorival Caymmi, "Anunciação" de Alceu Valença e "Mulher Rendeira", canção de autoria atribuída à Lampião e registrada por Zé do Norte. Cada canção buscou mobilizar conhecimentos musicais diferentes, que já haviam sido trabalhados previamente em outros semestres, aplicando-os em novos arranjos.

Em "Canoeiro", foram trabalhadas questões relacionadas à voz, ao canto e ao movimento. Na canção "Suíte dos Pescadores" buscou-se desenvolver a capacidade de ouvir e esperar o momento adequado para tocar ou cantar com um arranjo inspirado no de Uirá Kuhlmann que contém três naipes de xilofones, voz e acompanhamento do piano. "Anunciação" e "Mulher Rendeira" foram músicas desenvolvidas pelos professores das turmas de instrumentos.

No decorrer das reuniões semanais, notou-se a necessidade de fixar uma estrutura regular dos momentos existentes em aulas de ambas as turmas. Desta forma, seguiu-se na medida do possível, um planejamento que contemplava sempre os seguintes momentos: acolhimento, aquecimento corporal, aquecimento vocal, brincos, brincadeiras e prática do repertório escolhido. Abaixo, um exemplo de planejamento de aulas:





	HORA	ATIVIDADES	DESENVOLVIMENTO	MATERIAL	RESPONSÁVEL
AULA 3 e 4 08/04 e 15/04	19h00-19h10	Alongamento corporal	Posturas e movimentos de alongamento.	O corpo	Gustavo
	19h10-19h20	Lenga la lenga	Brincadeira de mão com uso de pulsação e subdivisão	O corpo	Char, Ana
	19h20-19h30	Aquecimento vocal	Aquecimento vocal com melodia de <i>Suite dos Pescadores</i>	A voz	Gustavo
	19h30-19h45	Improvisação, pulsação e ostinato	Trabalha propriedades rítmicas simultâneas em 3 naipes	Instrumentos de pequena percussão	Ana
	19h45-19h55	Relaxamento/apreciação musical	Jogo das sombras/poses. Repertório: "Esquilo - Badalu", "Faixa 3 - Vivaldi", "Estampes, pagode - Debussy"	Caixa de som, fitas	Todos

Figura 1: Tabela de planejamento feito pelos professores da turma A. Fonte: Arquivo do Projeto.

No quadro acima é possível vislumbrar como o planejamento e a descrição das atividades eram feitas por esses estudantes. Vale ressaltar que todos tinham pouca ou nenhuma experiência prévia com a dinâmica da sala de aula ou de como estruturar uma oficina/curso de musicalização.

Onze aulas, de uma hora de duração cada, se mostrou pouco tempo hábil para realização de um espetáculo de fato. Até então, o modelo de apresentação realizado ao fim de cada semestre havia sido uma aula aberta, em que eram selecionadas as atividades de maior sucesso desenvolvidas ao longo do semestre e compartilhadas com as famílias responsáveis pelas crianças matriculadas na Oficina. Assim, foi um salto tremendo e ambicioso montar e apresentar esse espetáculo, que chamou-se *Cantos da Terra*.

As comissões de escrita e direção criativa definiram que a estrutura dessa apresentação seria a leitura de cordéis, escritos tanto pela equipe de professores quanto dos professores junto das crianças, intercaladas entre cada canção. Para isso, foi planejada uma aula temática sobre literatura de cordel³ e deliberado que essa expressão artística iria transpassar como plano de fundo os diferentes momentos nas aulas posteriores. A seguir, exponho registros desse processo:

³ Produção escrita e ilustrada realizada na aula sobre cordel por alunos da Oficina de 9 e 10 anos.





Aula sobre Cordel: duas turmas juntas

	HORA	ATIVIDADES	DESENVOLVIMENTO	RESPONSÁVEL	MATERIAIS
AULA 13/05	18:50 - 19:00	Intervalo	Lanche e banheiro		
	19:15 - 19:30	Escuta Ativa: Repente + Cordel links úteis: <ul style="list-style-type: none"> O que é literatu... A História da Pe... A Dona Baratin... Bode Julião - [Cl... 2. Embolada (C... BRASIL CORDEL ... Cantoria de ver... fundo musical: <ul style="list-style-type: none"> Fundo musical ... 	Um dos prof. com um instrumento de sua escolha, mantém uma levada ritmada, pode ser um baião, um repente etc, o que for da escolha do prof. Os demais prof. ficam responsáveis por recitar diferentes cordéis já existentes no ritmo proposto pelo prof. instrumentista. A ideia aqui é que as crianças vivenciem musicalmente o que é um cordel, como as estrofes são divididas, onde estão os acentos etc.	Vinicius Char	voz + instrumento
	19:30 - 20:00	Produção escrita links úteis: O que é cordel? Bate-papo	Após a atividade anterior demonstrar uma variedade interessante de cordel, propor que as crianças escrevessem versinhos de autoria delas. Os prof. recitam alguns e depois pergunta se alguém gostaria de tentar recital, junto com a levada musical	Vinicius Melo Gustavo	folha sulfite, lápis, borracha, apontador. voz + instrumento

Figura 2: Tabela de planejamento feita pelos professores das turmas A e B. Fonte: Arquivo do Projeto.

	HORA	ATIVIDADES	DESENVOLVIMENTO	RESPONSÁVEL	MATERIAIS
AULA 20/05	18:50 - 19:00	Intervalo	Lanche e banheiro		
	19:00 - 19:10	Acolhimento e aquecimento	jogo de imitação com xilofones	A: Gustavo B: Vinicius	xilofone + criatividade
	19:10 - 19:30	Ensaio Suíte dos Pescadores	Distribuir xilofones: passar todas as vozes com todas as crianças. Separá-las em três <u>nipes</u> e ensaiar as três, o quanto der.	A: Char e Ana B: Vinicius e Luiza	voz + instrumento
	19:30 - 20:00	Produção ilustrada	Propor que os alunos ilustrem o que foi escrito ou outros versos que foram trabalhados durante a aula.	A: Felipe B: Luiza	folha sulfite, lápis, borracha, apontador. voz + instrumento

Figuras 3: Tabela de planejamento feita pelos professores das turmas A e B. Fonte: Arquivo do Projeto.

Em um breve comparativo entre os planejamentos de março e de maio, nota-se uma maior apreensão da maneira de construir uma aula de música para crianças com uma ampla faixa etária (dos 7 aos 12 anos) e maior domínio sobre o que e os porquês de cada atividade proposta. Destaca-se maior descrição de como será o desenvolvimento de cada etapa da aula, melhor manejo na distribuição do tempo em cada atividade e um diálogo mais próximo entre educador e educando, dando-lhes maior autonomia dentro da sala de aula.





MICHAEL JACKSON JÁ TOCOU JÁ CANTOU MAS AGORA DANÇA
É FAMOSO MAS NÃO CANSA MESMO MORTO NÃO DESCANSA SE CONECTA COM A PA-
NSA





“Michael Jackson já tocou, já cantou
Mas agora, dança.
É famoso mas não descansa
Mesmo morto,
se conecta com a dança.”

“Yellow toca bateria no palco com alegria
O Blue toca tamborim alegremente com toda gente”

⁴ A métrica de um cordel é ter a mesma quantidade de sílabas poéticas em cada verso. A metrificação mais usada é a redondilha maior ou hepta sílábica, ou seja, 7 sílabas poéticas em cada verso.





Os exemplos acima são da primeira aula sobre literatura de cordel. Antes de pedirmos para que elas criassem livremente, foi realizada uma atividade preparatória: com eles sentados em roda, os professores se dividiram em duas duplas, uma dupla mantinha um ostinato rítmico de palmas constante e a outra dupla desenvolveu rimas dentro da estrutura de um cordel com o nome de cada uma das crianças. Com isso, tínhamos o objetivo de deixá-las mais confortáveis entre si e se familiarizar com a sonoridade desejada.

A temática do cordel voltou a aparecer com destaque em uma segunda aula que foram desenvolvidas outras rimas para compor a apresentação-espetáculo, nesta sim, os professores/monitores tiveram um papel mais ativo e condutor do resultado final. Trago abaixo um exemplo desse material:

Do mar que canta Caymmi
Vem o barco a navegar
O vento na proa gira
O sonho a suspirar
Leva o canto das ondas
Pro sertão transformar

Na rede da madrugada
O pescador vai sonhar
Vê no céu da alvorada
Branca asa a voar
Leva a dor da maré
Que o sertão vai cantar

Quando o sol racha a terra
Secando o rio e o chão
O mesmo vento do mar
Vira a seca do sertão
Mas na asa da esperança
Vem a canção em perdão

Assim o Nordeste mostra
Sua força e tradição
Do litoral ao sertão
Vai a mesma emoção
É música que não morre
É puro coração!

Como o fio condutor das aulas deste semestre foi a montagem do espetáculo, todas as atividades foram pensadas para que os elementos da apresentação estivessem sempre presentes. A escolha de que o resultado esperado conduziria as aulas tornou todo o processo, na minha percepção, engessado e estressante.

Com a data de encerramento para 10 de junho no auditório principal do Instituto de Artes, as oficinas do mês de maio foram todas voltadas para ensaio conjunto das duas turmas. Isso se mostrou um fator de dificuldade, pois até então cada grupo de alunos ao todo não chegava a dez crianças por turma, juntando as duas, formou-se um contexto completamente diferente do que o anterior. A divisão na condução das atividades também ficou





comprometida, começou a haver pequenos desentendimentos entre os professores/monitores que antes não existiam.

Desta forma, no momento de realização do espetáculo, o corpo de professores/monitores estava fragilizado e a comunicação entre os participantes deixou a desejar, o que proporcionou um ambiente de tensão nos bastidores e, por alguns momentos, de desorganização.

A apresentação foi feita, os alunos se divertiram durante o processo e muita coisa foi aprendida pelos discentes da graduação. Não considero que tenha sido a melhor mostra do que as pessoas envolvidas são capazes de fazer, porém foi nesse espaço possibilitado pelo projeto de extensão que os graduandos possuem total autonomia para realizarem para, de fato, experienciaram como é se construir uma apresentação-espetáculo. O que é preciso organizar para além do planejamento e aplicação das aulas, que conexões de confiança são necessárias construir com as crianças em todo momento e que a preparação prévia do corpo docente precisa estar alinhada, as músicas, brincos e brincadeira precisam estar muito bem estudada por todos aqueles que compõem o projeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a experiência como um gesto de interrupção no tempo e no espaço, no momento atual da contemporaneidade estar disponível para ser atravessado por aquilo que nos toca é um estado de atenção difícil, à medida que requer que, intencionalmente, paremos para observar mais devagar, escutar com calma, alongar-nos nos detalhes daquilo que está a nossa volta. O sujeito da experiência se torna então aquele que é receptivo aos estímulos que ocorrem, disposto a ir contra o imperativo da rapidez cognitiva, ele se torna um território de passagem ou uma superfície sensível (Larrosa, 2002). Desta forma, entende-se que o estudante em formação inicial para a docência é atravessado e transformado pelas primeiras experiências à frente de uma sala de aula. E participar ativamente de projetos de extensão como o Oficinas de Musicalização é se colocar vulnerável ao processo transformador que ocorre unicamente vivenciando situações educacionais reais.





A extensão pode ser compreendida como este laboratório de experimentação e de experiências que irão anteceder a sala de aula do ensino regular, construindo e consolidando aprendizados por meio da ação e da reflexão constante num momento de extrema importância formativa desse profissional da música e da educação, inclusive no que diz respeito à possibilidade de experimentar, errar, e aprender. Isso se dá de tal maneira que após se graduar, este sujeito poderá encontrar em si mesmo algumas pistas para condução de seus alunos nos inúmeros contextos educacionais existentes. E saiba buscar não apenas em si, mas também na comunidade docente e artística que o cerca respostas que o impeçam de cair na apatia e na inanição diante dos desafios a serem enfrentados.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília, 1998.

_____. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2017.

BRITO, Teca Alencar de. Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança. São Paulo: Peirópolis, 2003.

CORREIA, Aline Souza. Enny Parejo: reflexões a respeito de sua prática pedagógica como educadora musical. São Paulo: Unesp, 2022.

GIL. Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social - Atlas. São Paulo, 2008.

LARROSA, Jorge Bondia. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Nº 19. Revista Brasileira de Educação, 2002.

MENDES, do Nascimento Araújo Adriana; Gabrielle Maria Januario Marinho. Dez anos de Oficinas de Musicalização. In: Anais do II Congresso de Permanência Estudantil da Unicamp, 2019, Campinas.

TEIXEIRA, Érica J. P.; PACÍFICO, J. M.; BARROS, J. A. O diário de campo como instrumento na pesquisa científica: contribuições e orientações. Cuadernos de Educación y Desarrollo - QUALIS A4, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 1678–1705, 2023. Disponível em: <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/1090>. Acesso em: 17 out. 2025.

SANTOS. Cassiano Lima da Silveira Santos. Música e Movimento na Educação Infantil: diálogos possíveis e conexões entre a base nacional comum curricular e práticas pedagógicas com crianças de 5 anos a partir da perspectiva da abordagem Orff-Schulwerk. Bauru: Unesp, 2020.

